

**Associação Nacional de História – ANPUH  
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007**

**O Aldeamento Indígena Nossa Senhora dos Anjos  
PACÓ: Memória e indigenismo no Vale do Mucuri – MG**

Danielle Moreira Brasileiro\*

**Resumo:** O presente artigo analisa o efeito na identidade indígena causado pela política indigenista do século XIX, no Vale do Mucuri – MG a partir do testemunho deixado pelo índio Domingos Ramos Pacó. O texto a seguir pauta-se na história do Aldeamento de Itambacuri e na discussão de memória enquanto recurso para uma construção historiográfica.

**Palavras Chaves:** Botocudos, Mucuri e século XIX.

**Abstract:** The present article analyzes the effect in the aboriginal identity caused by the indigenista politics of century XIX, in the Vale of Mucuri - MG from the certification left for the indian Domíngos Ramos Pacó. The text to follow guideline in the history of the Aldeamento de Itambacuri and in the quarrel of memory while resource for a historiográfica construction.

**Keywords:** Botocudos, Mucuri e century XIX

Domingos Ramos Pacó nasceu em meio às selvas do Mucuri em 1869, filho da índia Umbelina e do mestiço, Felix Ramos. Foi distanciado de seus pais pelos frades capuchinhos, instruído pela religião católica, da qual virou sacristão e depois professor dos outros índios no aldeamento indígena. (Ribeiro,1996). Pacó, constituindo o que chamou de fábula justa e verdadeira, cristalizou sua memória acerca da criação do Aldeamento de Itambacuri, enfocando a participação do seu pai e avô materno (Capitão Pohóc) no êxito da missão do Mucuri juntamente com os padres capuchinhos (Pacó,1978:211).

O Aldeamento do Itambacuri, na província de Minas Gerais, representou a missão indígena mais bem sucedida de todo Império (Mattos, 2004). A criação desse aldeamento caracterizou o encontro entre os ditos “selvagens” e civilizados nas selvas do Mucuri. Todavia, percebe-se hoje que o significado de tais conceitos no decorrer do oitocentos muito se confundiu. Os indígenas dessa região, considerados no século XIX de selvagens, antropófagos, sanguinários, violentos dentre outras denominações, foram tendo gradativamente seus costumes, crenças e rituais modificados.

A criação do Aldeamento, enquanto um espaço pensado para a catequização e “domesticação” dos indígenas no Norte de Minas Gerais, tinha como base fundamental o discurso civilizador dos costumes através da instrução à fé católica. Este processo se deu

---

\* Mestranda em Memória, Cultura e Desenvolvimento Regional pela Universidade do Estado da Bahia, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

através de um acordo reatado entre Igreja (Ordem Franciscana dos Padres Capuchinhos Menores) e Estado no ano de 1840.

A “Missão do Itambacuri” foi fruto de solicitações do povoado de Filadélfia, atual cidade de Teófilo Otoni, que reivindicava padres para catequizar e domesticar os índios “botocudos”<sup>1</sup> do Vale do Mucuri. Oficialmente, o Aldeamento Nossa Senhora dos Anjos do Itambacuri foi fundado por Frei Serafim de Gorízia e Frei Ângelo de Sassoferrato e fora criado sob a orientação do Regimento das Missões, elaborado em 1845, que estabelecia como deveria ser o trabalho dos missionários entre os índios. Pelo referido Regimento as responsabilidades dos capuchinhos eram atrair aldear, pacificar e catequizar os índios (Soares, 1992: 74).

Todavia, Igreja e Estado perceberam que para o êxito de tal Missão catequética era preciso, antes mesmo de fundar o Aldeamento, conhecer a região e, sobretudo a cultura dos índios do Mucuri. Em 1872, Frei Serafim e Frei Ângelo, hospedados na fazenda do Sr. Capitão Leonardo Esteves Otoni, nas mediações de Filadélfia, estudaram as condições climáticas, os costumes e o dialeto “botocudo”, bem como as condições físicas da natureza local. E seguindo ordens do governo, frei Serafim escolheu em meio à selva um lugar para fundar o Aldeamento, o qual foi o mais apropriado para a reunião de múltiplas tribos “selvagens”. Em 1873 no dia 13 de abril, domingo de páscoa, foi celebrada a primeira missa do Aldeamento Nossa Senhora dos Anjos, data que ficou sendo o marco inicial da atual cidade de Itambacuri. O aldeamento reunia as etnias Pojichá, Giporok, Catolé, Poté, Aranãs e Purunturu (Palazzolo, 1973).

Contudo, segundo Pacó a história do Aldeamento do Itambacuri começou mesmo no ano de 1866 quando da amizade de Felix Ramos, seu pai, com seu avô Capitão Pohóc, chefe da numerosa tribo Mocuriñ e Nhãnhã (Pacó, 1978:199). Nos anos de 1870 e 1871, conta Pacó, os Diretores Civis dos índios de Minas Gerais quiseram conhecer os indígenas da região com objetivo de agradá-los, dando a idéia de demarcação de suas terras. O encontro ressalta o índio, só foi possível pela interferência de Felix Ramos.

O professor indígena nos leva a pensar que a partir da credibilidade e confiança adquirida pelo “língua”<sup>2</sup> Felix Ramos e seu sogro fizeram com que a Missão do Itambacuri obtivera êxito nos propostos do Estado.

---

<sup>1</sup> Botocudo foi o nome genérico que se deu aos indígenas de diversos etnones que usavam artefatos denominados de botoques nas orelhas e lábios, denominavam-os assim considerando-os de deformados (mais sobre a origem do nome botocudos ver Paraíso). Estes indígenas se autodenominavam Borun (Soares, 1992). No século XVIII este mesmo grupo eram chamados de Aymoré ou Tapuia.

<sup>2</sup> Indivíduos índios ou mestiços, bilíngüe, já com certa vivência entre os nacionais.

Após chegarem à fazenda do Sr. Leonardo em 07 de junho de 1872, conhecido até então como o protetor dos índios, os padres foram apresentados aos indígenas e a estes foram colocados os préstimos de seus “protegidos” (Pacó, 1978:200).

A partir desta data, os padres capuchinhos, acompanhados pelo Sargento Torquato de Sousa Filho, enviado de Ouro Preto para servir à Missão catequética, tiveram sempre a presença e braços dos indígenas do Capitão Pohóc.

A primeira atividade proposta pelos frades franciscanos foi a abertura de estradas com auxílio desses moradores das matas e a segunda, foi escolher seguindo orientações do governo, o lugar mais propício para a implantação da Missão Indígena do Mucuri. Após fundar o Aldeamento Nossa Senhora dos Anjos do Itambacuri, a preocupação foi atrair diversas etnias para a Missão.

Para o contato com outras tribos, tinha-se como prática no século XIX a utilização dos “línguas”. Em Itambacuri, Frei Serafim de Gorízia e Frei Ângelo de Sassoferrato tinham como homem de confiança Felix Ramos, que tinha como uma de suas principais atribuições fazer contatos com outras tribos indígenas e a interlocução dos índios do Aldeamento com seus fundadores.

Arelado à utilização dos “línguas” para a inserção dos “bons costumes” urbanos, entendidos como padrões de civilidade em detrimento dos hábitos e crenças dos nativos do Mucuri, foi implantada uma escola na Missão Catequética pelos frades capuchinhos. Catequese e escola eram ambas utilizadas para o projeto de conversão e, conseqüentemente, implantação dos ideais propostos pelo governo. Em um manuscrito de 1915, Frei Ângelo explicita bem a intencionalidade da instrução religiosa através do ensino:

*Como devido acatamento começo a dizer-vos que ordinariamente é muito custoso regenerar os índios adultos criados no estado brutal na imundície, inação e vagueação dentro de matos incultos, onde eles, improvisando ao anoitecer ranchos cobertos, mulheres e cães numa sórdida promiscuidade: contudo o Pobre Missionário confiado no auxílio divino e armado de grande paciência e abnegação os vão habituando ao trabalho útil e os tornando bons pais de família. Mas é preciso que se lhes tomem seus pequenos filhos antes do estrago de costumes e do gosto à vida selvagem e nômade, como tem-se constantemente praticado nesta Colônia Indígena, mimoseando com presentes os pais, a fim de os entregarem ao missionário para a sua civilização, educação e instrução primária, ficando este obrigado de os alimentar, vestir e tratar, e de lhes dar livros de escola e também instrumentos de lavoura e ofícios para as horas vagas. Só assim podem se precatar dos vícios inerentes à natureza humana, a qual revela-se tão fraca no homem civilizado, quanto mais no índio embrutecido no mato, que por isso custa-lhe*

*levantar-se do nível de depravação selvagem, visto como suas necessidades não passam além da comida, voluptuosidade e descanso indolente, para o que estar visando e dirigindo todos os seus atos físicos e morais. (Apud Matos, 2004:389).*

Na citação percebe-se uma visão muito comum no século XIX de necessidade de regeneração do índio, julgando seus costumes incivilizados. Nas palavras de Frei Ângelo, “regenerar” estes indivíduos adultos era muito difícil, havia então uma preocupação de interrupção desses costumes, chamados pelo capuchinho de vícios, tomando-lhes suas crianças. Afastados de seus pais, os pequenos índios eram induzidos à escola e à catequese. Buscava dessa maneira atender às demandas da política indigenista da época, ratificando assim os princípios “civilizados” em detrimento das práticas culturais indígenas, frequentemente ditas selvagens.

No Regimento das Missões a catequese e a educação “formal” deveriam ser ensinadas pelo método da assimilação branda, sem o uso da força e violência, o que nem sempre acontecia. O respeito às leis e autoridades também era um de seus preceitos.

A escola e a catequese eram também o meio para obtenção de trabalhadores. “A conversão dos índios foi vista como grande negócio, os empreendimentos coloniais dos soldados de cristos na Amazônia e no Sul do país pareciam provar isso (Amoroso,2001).

Para uma efetiva assimilação dos indígenas do Aldeamento de Itambacuri aos preceitos do catolicismo e seu conseqüente ideal de civilização, os padres capuchinhos lançaram mão da utilização de um forte elemento da identidade indígena, o dialeto nativo, possibilitando assim uma identificação entre os índios e os ditos “brancos”. Este elo de comunicação deu-se primeiro através de contato e utilização dos “línguas” e em segundo, através da formação de índios para lecionar no Aldeamento. Pacó foi um forte exemplo dessa prática.

No seu manuscrito, Domingos Ramos Pacó, ex-professor indígena da missão catequética do Itambacuri no intuito de fazer uma memória de sua participação no aldeamento, descreve como foi sua atuação:

*“O dito ex-professor não só fala e escreve a língua brasileira, e também fala e escreve a língua indígena. Muito se empenhava durante sua profissão, recomendava aos seus parentes para que mandassem seus filhos a freqüentar sempre a escola, e mandava buscar para ensinar a leitura e a moralidade religiosa, propondo sempre aos pais discurso acertadíssimos em língua indígena sobre a moralidade de bons cidadãos e de terem grande estima aos Padres, aos agentes executivos, aos*

*diretores gerais e aos governadores do país. Imprimindo em seus corações o amor à pátria, obediência às autoridades, civis e eclesiásticas” (Pacó:1978).*

Pacó foi desde sua infância afastado de seus pais e criado pelos padres da Missão do Itambacuri, em seu documento, percebe-se a influência dos capuchinhos em sua formação. O ex-professor indígena não só parece ter absorvido conceitos como moralidade religiosa, obediência às autoridades, mas se preocupava em transmiti-los aos seus alunos na prática de sua docência. Tais conceitos significam neste contexto a submissão à Igreja e ao Estado, bem como a adoção de hábitos dos “brancos”, tais como casamento, educação formal, habitação, dentre outros.

Ressaltando a importância fundamental de um bom “língua” para o sucesso do aldeamento nas prédicas, nos ensinamentos gerais, na escola e principalmente no contato e convite de tribos para o Aldeamento, Pacó, enfatizando a participação de seu pai como o língua oficial da Missão, relata um episódio onde frei Serafim correu risco de vida por ter levado consigo um “língua” inexperiente para o contato com os Pojichá, a tribo de “botocudos” mais temida do Mucuri.

*Ano de 1884 foi a primeira chegada das tribos Pojichá no rio S. Mateus, e Frei Serafim mandou chamar um língua por nome de José Francisco que morava no Poté, e foi juntamente com ele. Mas nem todo língua sabe e nem tem experiência de como se chega a uma aldeia selvagem, e eis o assunto:*

*Ao chegarem onde eles estavam acampados em ranchos, acudiram em grupos e pegaram o língua José Francisco e o atiraram asperamente ao ar; bem não tinha caído no chão, outros o pegavam e fazia a mesma cena ou luta. O Reverendo Frei Serafim estava a cavalo presenciando este espetáculo horroroso de barbaridade; por fim não tinham acabado o estratagemas com o língua, investiram também sobre ele, o tiravam-lhe do animal, dava-lhes empurrões, arrastando-o pelo chão, pelas barbas. Vendo-se atracado por tantas onças ferozes, Frei Serafim chamou pela língua José Francisco para que o mesmo acudisse e não o deixasse maltratar tanto assim. Mas, o mesmo língua se achou confuso com o idioma que sabia falar, porque estava também atracado e em aperto com outros índios. E os índios bravos nesta situação, se dirigiram uns aos outros numa vozaria dizendo: Krempá Jkjást-rón, quer dizer soldado de barbas cumpridas. A este tumulto chegou um índio de Itambacuri por nome João Crissiuma, e foi logo proferindo as palavras aos Pojichá dizendo: Hó anchúc cupán meém num, quer dizer, vocês não devem pôr as mãos no Padre. Logo os Pojichá ficaram encantados da brutalidade que faziam com o padre e perguntaram ao índio outra vez; Cupán? Respondeu o índio outra vez: Cupán Krempá núc, quer dizer, É padre, não é soldado não. E logo que eles*

*compreenderam e conheceram o idioma indígena, continuou então o índio a falar em a mesma língua e fazer discursos em favor de frei Serafim, e foram logo por este agradados e benquistos... (Pacó: 1978 )*

Além da utilização do língua percebe-se na exposição de Pacó, como o discurso do que é bárbaro e civilizado foi passado para os índios aldeados, onde o narrador índio fala dos outros (índios) em plena prática de defesa, como barbárie. Outro fato importante dessa passagem é o temor que os índios, neste caso os pojichás tinham frente aos soldados. Fato esse que se explica ao analisarmos a política indigenista que até meados do século XIX, muito se efetivou através da implantação de quartéis e postos policiais nas matas. Tal implemento visou a domesticação dos índios através de treinamentos militares e subjugação das etnias indígenas, pois eram incentivados às brigas por comida e aumento de suas rivalidades tribais. Outra análise a ser feita nessa narração é a utilização da palavra índio bravo, terminologia muito utilizada pelo discurso oficial do império para designar os índios “botocudos”, sobretudo àqueles que não se submetiam à civilização em oposição aos índios mansos, muitas vezes associados aos aldeados ou tupis rivais dos “botocudos”.

Em um segundo contato com os “temíveis” Pojichá, afirma Pacó, Frei Serafim manda primeiro o “língua” Felix Ramos para conversar.

*Ainda não tinha acabado de falar o “língua” a eles, a forma que se deve receber a um padre, ou qualquer pessoa revestida de suprema autoridade, foi quando chegando frei Serafim juntamente com o senhor Capitão Antônio Lopes e mais pessoas de acompanhamento, e desamontando do animal o Reverendo, os Pojichá foram logo ajoelhando, e beijava-lhe as mãos, chegavam uns pós outros, como crianças a beijarem as mãos do Reverendo em sinal de submissão, respeito e humildade. Os assistentes estavam admirados e diziam uns aos outros que os Pojichá são mui civilizados. Esta civilização momentânea provem do língua habilitado, porque sendo um bom língua e de capacidade ao idioma indígena, produz a moralidade e civilização entre os selvagens, e um mau língua, estúpido ou que não sabe o idioma indígena verdadeiramente, faz com que produz entre os selvagens a imoralidade, e os índios tornam-se revoltosos, assassinos e de má convivência ou amizade(Pacó: 1978,207-208).*

Com isso, percebe-se que o bom “língua” era aquele que não só deveria saber bem o dialeto indígena, mas sim aquele que sabia revestir de superioridade e santidade os representantes do ideal de civilização, recebendo-os com submissão, respeito e humildade.

Nota-se também como os conceitos de moralidade e civilização são sempre trabalhados em oposição ao conceito de selvagem, conceito esse que estava sempre ligado à insubordinação aos “mandos e desmandos” das leis do Brasil Império.

Dentro dessa estratégia percebe-se as formas pelas quais a cultura estabelece fronteira e distingue a diferença, as quais são cruciais para compreender as identidades. Por identidade, afirma Silva(2000), entende-se a interseção das nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença, a simbólica e a social, são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios tal qual seja capaz de dividir em pelo menos dois grupos opostos nós/eles, eu/outro (Silva, 2000:19-20).

Quanto à identidade indígena o próprio Pacó evidencia que a natureza do índio é muito contrária à do nacional. Somente pensam no que está no presente e à vista, não tem interesse e ambição para o futuro ou para os seus descendentes, primam pela natureza, respeitando-a e tirando dela seu sustento e cultura. Todavia, com o passar do tempo, os índios do Itambacuri não mais se viam como indígenas e negavam o seu passado.

*No seu tempo, muitos alunos, quando crianças obtiveram conhecimentos unais a respeito à instrução primária, os quais alguns já ocupam cargos, porém se acanham em dizer que foram instruídos e que são discípulos de um professor índio ou indígena. Mas não se deve admirar sobre esta frase, porque muitos que aqui existem ainda em Itambacuri quase todos são mistos e seus avôs eram antropofágicos, tinham os lábios inferiores perfurados, por onde introduziam tabas ou botoques, como de fato se conheceram ainda alguns no Itambacuri.... Porém a fisionomia e os gestos garantem sempre que descendem da aldeia e do índio, e que é progenitores das nações que ocupavam o Brasil, quando desembarcou na América o Almirante Pedro Álvares Cabral em 1500 (Pacó:1978,203).*

Através da análise do testemunho deixado por Pacó, vê-se como a imagem de civilidade e conseqüente progresso, tão trabalhada pelos padres foi assimilada pelos índios fazendo com que estes mesmos buscassem outra identidade que não os associassem ao seu passado.

A fundação do Aldeamento Nossa Senhora dos Anjos do Itambacuri e a sua elevação à cidade em 1922 confere aos padres capuchinhos título de heróis do Mucuri, criando assim um mito entre a sociedade local e a Ordem dos Franciscanos. O ex-professor indígena também

registra sua admiração e agradecimento que devem todos ter aos fundadores da Missão Catequética e ao Governo por tão alcançado “progresso”:

*Os habitantes de Itambacuri muitos benefícios devem ao Exmo Governo, aos chefes do Estado e aos Diretores da Colônia frei Serafim e frei Ângelo, os benefícios que eles tem feito aos habitantes não se pode numerá-los, só dirá a mesma verdade porque está a vista de quem quiser compreender o panorama desta zona sempre em progresso. (Pacó, 1978:204).*

*A Colônia Indígena de Itambacuri tem elevado muito em procura do farol luminoso da paz, prosperidade e progresso, não só material como espiritual, devido aos desvelos e amor pátrio de frei Serafim e frei Ângelo na dita colônia, com coadjuvação do Excelentíssimo Governo e a dos patricios mineiros, que sempre olharam, e olham carinhosamente para esta fertilíssima zona de índios e nacionais, por quarenta e tantos anos. (Pacó,1978:209).*

Percebe-se que a conclusão a qual Domingos Ramos Pacó chega acerca de progresso e civilização é a reprodução do discurso e da prática indigenista do oitocentos, sendo sinônimos de urbanização, obrigação à fé católica e o fim dos costumes dos nativos do Mucuri.

Ribeiro(1996), afirma que nesta luta entre índios e colonos, estes últimos ganharam, mas sua vitória não se conta apenas pelos índios que mataram, mas pelos que conseguiram transformar em trabalhadores, tirando-lhes seus costumes e impondo-lhes uma cultura “civilizada” em detrimento da cultura indígena.

Com referência aos fundadores de Itambacuri, Cássio Silva afirma que não há de desmerecer seus empenhos e o quanto acreditaram estarem tratando-se de “obra de Deus”, entretanto, foram também manipulados pelo Estado e poderosos, bem como pela ganância de adquirirem uma terra que não lhes pertencia.

O documento deixado por Pacó se constitui, assim, como as histórias baseadas em reminiscências revelando a maneira específica como uma pessoa compõe seu passado, e seus significados ocultos podem revelar experiências e sentimentos de forma silenciada porque não se ajustavam às normas usuais ou à própria identidade da pessoa. Como posto por Thonson(1997) isso leva a estabelecer uma importante relação teórica entre os significados da composição que é o processo aparentemente pessoal de compor reminiscências seguras. Na verdade, um processo inteiramente público, pois nossas reminiscências podem ser temerárias e dolorosas se não corresponderem às histórias ou mitos normalmente aceitos, e talvez por isso tentemos compô-las de modo a se a justarem ao que é normalmente aceito. Assim como

buscamos a afirmação de nossa identidade pessoal dentro da comunidade específica em que vivemos, buscamos também a afirmação de nossas reminiscências

## **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

AMOROSO, Marta Rosa. Mudança de Hábito. "Catequese e Educação para Índios nos Aldeamentos Capuchinhos", in: Lopes da Silva, Aracy & Leal Ferreira, Mariana K. (orgs.) Antropologia, História e Educação. A Questão Indígena e a Escola. SP: FAPESP/MARI-USP, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória Sertão**. Uberaba: Universidade de Uberaba/Cone Sul, 1998.

CUNHA, Manuela Carneiro da - Política Indigenista no século XI-X. In. **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras.Secretaria Municipal de Cultura: Fapesp, 1992.

HALBAWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: **Vértice/Revista dos Tribunais**, 1990.

MISSAGIA DE MATTOS. Izabel. Civilização e Revolta: **Os Botocudos e a catequese na Província de Minas Gerais**. Bauru, São Paulo. Edusc, 2004.

PACÒ, Domingos Ramos. Hámbric anhamprán ti mattâ, nhiñchopón? 1978. in **Lembranças da Terra. Histórias do Mucuri e Jequitinhonha**. Cedefes. Contagem- MG.

PALAZZOLO, F. Jacinto de. **Nas selvas dos Vales do Mucuri e Rio Doce**. Como surgiu a cidade de Itambacuri, fundada por Frei Serafim de Gorízia, missionário capuchinho. (1873-1952). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

PARAÍSO, Maria Hilda Barqueiro – Os Botocudos e sua trajetória histórica - In. **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras.Secretaria Municipal de Cultura: Fapesp, 1992.

RIBEIRO, Eduardo Magalhães. **Lembranças da Terra. Histórias do Mucuri e Jequitinhonha**. Cedefes. Contagem- MG.

SCHWARCZ, Lilia Mortiz. **O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA. Tadeu Tomaz da. **Identidade e Diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. 2ª Ed. Vozes, 2000.

SOARES, Geralda Chaves. **Os Borum do watu**, Os índios do Rio Doce. Contagem, CEDEFES, 1992.

THONSON, Alistair. Reconstituo a mem6ria: quest6es sobre a rela76o entre a Hist6ria Oral e a mem6ria. 6tica e Hist6ria Oral. **Projeto Hist6ria n. 15**. Revista do Programa de Estudos P6s-Graduados em Hist6ria e do Departamento de Hist6ria-PUC/SP. S6o Paulo, abril de 1997, p 51-84.

[www.cassiosilva.com.br/phistorica.htm](http://www.cassiosilva.com.br/phistorica.htm)